

# Soluções tradutórias para a alteração contextual de provérbios em *Júlio César*, de Shakespeare

Beatriz Viégas-Faria\*

## Introdução

Publicado em 1997, o artigo “The contextual use of idioms, wordplay, and translation”,<sup>1</sup> de Andrejs Veisbergs (Universidade da Letônia), traz uma interessante classificação de modos pelos quais uma expressão idiomática pode ser alterada no intuito de surpreender a audiência – seja de um meio de comunicação de massa, seja de uma obra literária. O estudo resume investigação (com levantamento quantitativo) do uso de um recurso lingüístico para fins de efeito estilístico.

O recurso lingüístico em questão é o que Veisbergs chama de “uso contextual de expressões idiomáticas” (p. 155). Definido pelo autor como recurso retórico do qual se valem os autores em todos os tempos, em todas as línguas e em todos os gêneros, esse uso (ou transformação) contextual é a *transformação semântica ou estrutural* da expressão lingüística.

Refere o autor que o fenômeno de transformação contextual das expressões idiomáticas vem sendo documentado em estudos de lingüística sob diversas denominações: uso *ad hoc* de expressões idiomáticas, modificação ou adaptação criativas de expressões

\* Doutoranda em Letras, PUCRS; bolsista do CNPq, University of Warwick; tradutora; BeatrizV@terra.com.br

<sup>1</sup> In: DELABASTITA, Dirk (ed.). *Transductio: essays on punning and translation*, Manchester: St Jerome, 1997. p. 155-176.

<sup>2</sup> Esta e todas as outras citações de Veisbergs neste artigo foram por mim traduzidas do original em inglês.

idiomáticas, mudança contextual de frases idiomáticas – além de termos como transformações ocasionais, uso ocasional, renovação (e mesmo destruição) de expressões idiomáticas.

É de suma importância, tanto por sua correção acadêmica como pelo esclarecimento metodológico, observar que Veisbergs define expressão idiomática como qualquer seqüência lingüística que se encontra dentro de um cline ou *continuum* de unidades fraseológicas, sendo que cada unidade fraseológica é “uma combinação estável de palavras com um significado parcial ou totalmente transferido” (p. 156). Unidades fraseológicas seriam, então, “todas as estruturas frasais que exibem algum grau de idiomaticidade” (*idem*).

As expressões idiomáticas típicas encontram-se sintaticamente congeladas em frases convencionalizadas em metáforas como “chutar o pau da barraca”. No outro extremo do cline encontramos expressões “semanticamente muito mais transparentes” (p. 156), como “fazer um favor a alguém” – que pode ser contextualmente modificada, para a obtenção de frases de efeito como “faça um enorme favor a você mesmo” e “faça um favor a seus dentes”, construções retóricas bastante empregadas no mundo da publicidade.

De acordo com Veisbergs, “provérbios e ditos constituem um subgrupo de expressões idiomáticas” (p. 156), subgrupo especial por terem na sentença o seu limite estrutural máximo.

Transformações contextuais não devem ser confundidas com transformações gramaticais, pois aquelas são “transformações motivadas subjetiva e estilisticamente, transformações intencionais do significado da expressão idiomática em seu uso contextual. São essencialmente fenômenos individuais e efêmeros” (p. 156). Faz parte, por exemplo, dos usos contextuais de um provérbio o fato de ele poder ser lido em sua composicionalidade, ou seja, fora de seu sentido figurado – o que explicaria o humor de um comentário como “O João virou a mesa” quando há um João que por alguma contingência (para fazer um concerto, por exemplo) realmente virou uma mesa com as patas para cima.

Veisbergs refere a diferenciação saussuriana entre fala e linguagem para explicar que o uso contextual de expressões idiomáticas deve ser entendido como fenômeno lingüístico da fala: no momento em que a norma da linguagem é desrespeitada (entender uma expressão cristalizada da língua em seu sentido literal e não-metáforico), o falante (ou personagem de obra ficcional) estaria respeitando uma norma da fala (no exemplo acima, a criação do humor). Isto nos leva a comentar que o presente artigo define-se não só como um estudo em tradução e estilística, mas também

como um estudo em pragmática – na fala, as sentenças atualizam-se sob a forma de enunciados; e sempre que o contexto imediato da conversação está em jogo, como no caso da presente análise de provérbios contextualmente transformados, o enfoque lingüístico dá-se necessariamente dentro do âmbito da pesquisa em pragmática. Em outras palavras, o teor semântico geral da sentença dá lugar ao teor pragmático particular do enunciado (nos termos de Veisbergs, este teor ou significado é individual e efêmero).

## Escopo

Enquanto o estudo de Veisbergs está centrado no uso contextual de expressões idiomáticas as mais variadas para fins de obtenção de um efeito humorístico, com exemplos coletados em várias obras de Oscar Wilde e Lewis Carroll em diferentes traduções, o presente trabalho concentra-se em verificar a aplicação da grade teórica de Veisbergs em uma única tradução, também de texto-fonte em língua inglesa, mas para o português brasileiro (língua fora do escopo da análise daquele autor); os exemplos aqui coletados vêm de *Júlio César*, uma peça shakespeariana histórica e trágica, i.e., as transformações contextuais não visam o efeito humorístico; e, finalmente, um só tipo de expressão idiomática é focado, qual seja, o provérbio – definido no Dicionário Houaiss como

frase curta, ger. de origem popular. freq. com ritmo e rima, rica em imagens, que sintetiza um conceito a respeito da realidade ou uma regra social ou moral (p.ex.: *Deus ajuda a quem madruga*).

Finalmente, verifica-se até que ponto vale para o uso de provérbios dentro do texto de Shakespeare a classificação de Veisbergs quanto aos diferentes tipos de transformação contextual de expressões idiomáticas; e verifica-se até que ponto vale para a tradução de Viégas-Faria<sup>3</sup> a classificação de Veisbergs quanto aos diferentes tipos de estratégia tradutória para esse artifício de criação literária. Além disso, o presente trabalho propõe que se pense o uso contextual de expressões idiomáticas conforme delineado por Veisbergs como um caso de intertextualidade.

O autor faz uma rápida observação quanto a serem alguns tipos de transformação contextual bastante visíveis, por serem estruturais (lexicais ou sintáticos, e não necessariamente semânticos), enquanto outros tipos de manipulação das expressões idiomáticas

<sup>3</sup> SHAKESPEARE, W. *Júlio César*. Trad. de Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2003.

podem até mesmo passar despercebidas (em casos de alusão, elipse ou substituição) – ao que nós acrescentaríamos: como casos de intertexto. Aqui vale a pena observar que para a leitura ou tradução contemporâneas de qualquer texto de Shakespeare não se pode prescindir de glossários, edições comentadas, dicionários especializados, isso porque encontram-se nos estudos historiográficos da obra shakespeariana não só as acepções datadas do vocabulário então empregado, mas também as referências aos discursos influenciadores do dramaturgo – fossem esses textos eruditos da antiguidade clássica ou ditos populares da época, textos históricos, acadêmicos ou literários da época elizabetana ou anteriores. Sendo assim, os exemplos de uso de provérbios que compõem o *corpus* deste nosso trabalho têm como respaldo principal uma das edições comentadas de *Júlio César* em língua inglesa: *The Arden Shakespeare*.

Se por um lado este nosso estudo amplia a proposta de Andrejs Veisbergs quando a tira do âmbito dos textos caracterizados por trocadilhos e pelo humor para aplicá-la a um texto de extrema tensão psicológica e social, por outro lado restringimos a aplicação da grade teórica de Veisbergs a um único tipo de expressão idiomática – que se encontra na extremidade mais rígrida do *continuum* ou cline definido pelo autor.

Ao definir as transformações de expressões idiomáticas como “estratégias retóricas” (p. 157) denotativas da intenção do autor [enunciador], Veisbergs justifica o presente estudo enquanto análise [em pragmática] de um dos artifícios lingüísticos caracterizadores da retórica clássica dos romanos (via Shakespeare, obviamente) – o uso disseminado de referência a provérbios, como sinalizadores da sabedoria popular, esta por sua vez uma voz a ser escutada e respeitada.

### O uso contextual de expressões idiomáticas

Veisbergs diz que alterar expressões idiomáticas tão fossilizadas (quanto provérbios) é processo criador de efeitos estilísticos em geral marcantes, porque frustram a expectativa do leitor/ouvinte – daí o grande potencial para efeitos humorísticos (ou de grande retoricismo). Os diversos tipos de uso contextual dessas expressões são classificados em dois grupos: o das *transformações estruturais*, que afetam estrutura e significado da frase mais ou menos cristalizada, e o das *transformações semânticas*, que deixa a frase intacta, mas altera-lhe o significado em função do ambiente contextual em que foi inserida a expressão idiomática.

Entre as alterações estruturais, cinco tipos destacam-se (exemplos de Veisbergs):

- *adição*: “Mais vale um pássaro *tão precioso* na mão que dois voando”;
- *inserção*: “Mais vale um pássaro na mão que dois voando *no cenário econômico mundial*”;
- *alusão*: “Para que sair caçando *dois pássaros* quando *um* está ao alcance da *mão*?”;
- *elipse*: “*Um pássaro na mão*, pensei eu, e tratei de aceitar a oferta dele”;
- *substituição*: “Mais vale um *ministro competente* na mão que *muitos generais* voando”. (Aqui inserimos outras formas de substituição, conforme exemplos encontrados em *Júlio César – a substituição sinonímica*, por exemplo.)

Dado o levantamento feito de expressões proverbiais em *Júlio César*, o presente estudo acrescenta à lista de Veisbergs um sexto tipo de alteração estrutural:

- *inversão*: “Mais vale *dois pássaros* na mão que *um* voando”.

Entre as alterações semânticas, o contexto ativa a mudança no significado da frase clichê (exemplos nossos):

- *dupla significação*: “Ela se arrumou para ir a um restaurante cinco estrelas, ele levou ela a uma pizzaria, e tudo acabou em pizza”;
- *metáfora sustentada* ou ampliada: “Se tudo vai acabar em pizza mesmo, por que se preocupar com a qualidade da farinha, do tomate, da muzzarella?”;
- *zeugma*: “Tudo acabou em pizza, e eu, numa tremenda ressaça”. (Aqui inserimos outra forma de alteração estrutural de expressão idiomática, conforme exemplo encontrado em *Júlio César*, II, 2: 32-33 – a *eliminação do zeugma*.)

O autor sugere que em *todos* os casos de transformação de expressão idiomática, “a variante padrão ou dicionarizada não se perde nem formal nem semanticamente, mas permanece presente nas mentes do autor e de seu ouvinte ou leitor” (p. 158). Isso porque são evocadas duas informações semânticas simultaneamente: a frase em seu significado e forma convencionais, e a frase em seu significado alterado – com ou sem alteração da forma.

Quando isso acontece dentro de um texto em processo de tradução (texto-fonte), o tradutor depara-se com uma passagem “hipersemanticizada” (p. 159), quase sempre de difícil solução na

língua-alvo. A questão fica ainda mais problematizada quando o tradutor não tem como reconhecer o intertexto fraseológico, pois pode acontecer de o autor transformar a expressão idiomática original a tal ponto que a alusão a ela fique de difícil acesso e, conseqüentemente, de difícil recuperação. Tradutores de Shakespeare, Oscar Wilde e Lewis Carroll, por exemplo, tem de se valer dos estudos de pesquisadores especializados nesses autores.

### A tradução de fraseologia contextualmente alterada

Veisbergs afirma que “o uso contextual de expressões idiomáticas é uma das características do emprego idiomático de frases que parece ser um *universal* semântico” (p. 162, ênfase do próprio autor), o que representa informação valiosa à prática da tradução. Como argumenta o autor, num comentário dedutivo à parte, “se há expressões idiomáticas em uma língua, elas podem ser transformadas” (p. 162). Em tradução, é desejável que esse artifício estilístico seja preservado. Encontrada na língua-alvo uma expressão idiomática equivalente (estrutural e/ou semanticamente) à unidade fraseológica da língua-fonte, o tradutor precisará decidir funcionalmente (a fim de obter o mesmo efeito retórico) que tipo de transformação contextual será aplicada no texto-alvo a essa expressão idiomática (entre as nove opções acima, conforme a grade teórica de Andrejs Veisbergs por nós ampliada).

O autor ressalta, muito acertadamente, que nem toda adição ou inserção ou metáfora sustentada resultará em fraseologia alterada com o efeito de trocadilho. Isso faz com que se corrobore o potencial de aplicação de sua grade teórica não só para efeitos de humor. No presente estudo, por exemplo, procuramos por uma classificação abrangente de modos de transformação de provérbios (sem intenções humorísticas), conjuntamente com uma classificação abrangente de modos de tradução da fraseologia contextualmente alterada, para fins de um cotejo entre texto-fonte em língua inglesa e texto-alvo em língua portuguesa, visando verificar a manutenção, no produto tradutório final (a tradução publicada), de instâncias de provérbios empregados e contextualmente modificados (conforme encontrados na obra literária original).

Importante é também sublinhar que a relevância semântica e estilística de uma expressão idiomática alterada não está só em ela encaixar-se pragmaticamente no contexto do texto, mas também, como observa Veisbergs (p. 162), em ela receber um tratamento lexical condizente com as escolhas vocabulares do texto-fonte. Po-

de-se dizer, como quer o autor, que o fraseado da fraseologia literariamente alterada é crucial para a obtenção do efeito pretendido.

Como é fácil de se imaginar, um provérbio em uma língua não terá necessariamente um equivalente em outra língua; em geral, as metáforas são outras. E, quando o provérbio sofre alteração contextual, também em geral o elemento modificador não se pode repetir na língua-alvo, e outra espécie de elemento se fará necessário para modificar um provérbio que, por sua vez, também é outro. Entende-se então que o tradutor defronte-se com não só uma, mas uma gama de “técnicas de transferência” (p. 163), que Veisbergs passa a listar em seu estudo, como resultado do levantamento feito de traduções de Oscar Wilde e Lewis Carroll em alemão, russo e letão.

As oito estratégias tradutórias descritas são as seguintes:

1. *Transformação de expressão idiomática equivalente*: quando as culturas da LF e da LA gozam de proximidade (não é o caso da Inglaterra da época de Shakespeare e do Brasil do século XXI). “Sua aplicação fica restrita aos casos em que a LF e a LA apresentam equivalentes no que diz respeito a (1) a expressão idiomática do TF; (2) seus componentes; e (3) os elementos transformadores. Essas condições raramente acontecem” [simultaneamente] (p. 164).
2. *Tradução por empréstimo*: é uma tradução linear (composicional) dos componentes da expressão idiomática transformada. Não se baseia em nenhuma expressão cristalizada da cultura-alvo. Esse tipo de tradução com frequência produz uma frase que formal, semântica e estilisticamente recria a frase do texto-fonte. Contudo, o leitor dessa tradução, diferentemente do leitor do texto-fonte, não está diante de uma frase transformada, pois agora inexistente o “fator de estabilidade” (p. 165), qual seja, o reconhecimento de uma expressão convencional – perde-se então uma das duas informações semânticas evocadas originalmente: “a variante padrão ou dicionarizada” (p. 158) da expressão idiomática; ou seja, a passagem traduzida não é, como no texto-fonte, “hipersementizada” (p. 159). A frase traduzida será lida como uma metáfora original.
3. *Extensão*: é a inserção de “alguma informação explanatória adicional” (p. 165), uma espécie de comentário do tradutor que se dá dentro do texto e não em nota de rodapé (obviamente importante em tradução teatral), sendo que muitas vezes essa extensão é uma tradução por empréstimo.

4. *Transformação de expressão idiomática análoga*: quando na cultura-alvo existe uma expressão idiomática análoga, semântica e estilisticamente próxima à do texto original, mas formalmente diversa, esse tipo de tradução mantém implícita (evocada) a frase convencionalizada enquanto explicita sua alteração contextual. Neste caso a tradução lida com uma “similaridade parcial de imagens metafóricas” (p. 166).
5. *Substituição*: quando o tradutor lança mão de uma expressão idiomática análoga funcionalmente, mas que é formal e semanticamente diversa da expressão original, e procede a uma alteração contextual também análoga à alteração original. A imagem metafórica é totalmente outra, mas preservam-se os efeitos pragmáticos de uso contextual que visam à obtenção de um texto fluente e coerente na LA,<sup>4</sup> com a manutenção dos jogos lingüísticos do texto-fonte – este visto aqui em sua totalidade formal ou plástica, como uma obra de arte a ser respeitada em sua textura (e aqui estamos empregando deliberadamente um termo da lingüística do texto e das artes plásticas<sup>5</sup>). É discutindo essa estratégia tradutória que Veisbergs menciona a necessidade de o tradutor ser criativo, “menos ‘mecânico’” (p. 167) em sua “tarefa” (p. 167) e capaz de ter “um repertório muito mais amplo de possíveis soluções na língua-alvo” (p. 168).
6. *Compensação*: quando o tradutor vê o texto inteiro como sua unidade de tradução; quando o tradutor libera-se das restrições impostas por uma concepção *prima facie* de “fidelidade ao original”; quando o tradutor recria o “efeito funcional pretendido” (p. 168) pelo autor do texto-fonte, inserindo-o em outra passagem do texto-alvo que não aquela onde ocorreu um uso contextual de expressão idiomática – e não necessariamente usando o mesmo artifício estilístico, mas muitas vezes empregando outro jogo lingüístico (trocadilho, ambigüidade, etc).
7. *Omissão*, ou perda, ou tradução zero: segundo Veisbergs (p. 169), pode ocorrer de duas maneiras: ou a passagem que contém a expressão idiomática alterada desaparece do texto, ou a

<sup>4</sup> Raramente o texto-fonte ficcional não será fluente e coerente, mas há textos de *non-sense*, ou então alguma personagem pode ser incoerente e/ou ter a fala truncada. E, mesmo nesses casos, pode-se argumentar que sempre haverá uma coerência interna ao texto, interna à personagem – uma lógica interna àquela linguagem aparentemente desconexa.

<sup>5</sup> Interessante é verificar que o Dicionário Houaiss não traz definições do termo “textura” nem em lingüística, nem em pintura; no entanto, ele está definido para música, geologia, anatomia e, em sua primeira e básica acepção, claro, para tecelagem.

expressão idiomática (equivalente ou análoga) é preservada em sua versão dicionarizada, sem qualquer alteração ativada contextualmente.

8. *Comentário metalingüístico*: aparece no formato de alguma técnica editorial: notas de rodapé, notas de fim de texto, parênteses, etc. Veisbergs (p. 171) ressalta que esta é uma estratégia rara na tradução de expressões idiomáticas alteradas contextualmente, e que em tradução teatral ou publicitária o uso de técnicas editoriais não se coaduna com a estrutura semiótica dos textos. E uma nova estratégia tradutória está sendo proposta neste trabalho, uma vez que foi usada na tradução investigada para cotejo e aplicação da grade teórica:
9. *Suplementação retórica*: quando uma expressão idiomática, por ser estrutural, semântica e estilisticamente coerente com o caráter literário do texto (ou passagem) que está sendo traduzido, “cai como uma luva” no texto-alvo e apresenta-se como uma solução tradutória adequada para uma dada seqüência lingüística do texto-fonte.

#### A tradução de provérbios alterados em *Júlio César*

Listamos a seguir todas as ocorrências encontradas de referência a expressões proverbiais conforme anotadas nas edições comentadas desta peça de Shakespeare – edições Arden, Cambridge e Oxford. Observa-se que, quanto mais recente a edição, maior o número de glosas em geral, mas também maior o número de glosas relacionadas a alusões a provérbios nas falas das personagens. Como essas edições são estudos minuciosos dos manuscritos e das sucessivas publicações da peça, além dos dados históricos sobre as encenações de *Júlio César* antes mesmo de sua primeira publicação impressa, os comentários dos pesquisadores levam em conta (para corroborar ou para descartar) os comentários de outros pesquisadores. Assim, nem todos os autores/editores concordam quanto a interpretações de algumas falas como sendo alusivas a provérbios da época de Shakespeare.

Por serem provérbios de língua inglesa das ilhas britânicas do tempo de Shakespeare, é fácil reconhecer que um oceano cultural e quatro séculos de História separam um reino colonizador de clima frio de nossa república tropical sul-americana. Muitos dos provérbios apresentados estão tão datados que nem mesmo o leitor inglês de agora tem como reconhecê-los sem a ajuda de um glossário. Por outro lado, português e inglês são duas línguas de culturas ociden-

tais, e grande parte dos vocábulos de língua inglesa é de origem greco-romana. A própria Antiguidade clássica dos gregos e romanos (onde se insere o assassinato de Júlio César) é matéria estudada em História nas escolas de ensinos médio e fundamental, tanto no Brasil quanto na Inglaterra; ou seja, há igualmente pontos em comum. Enquanto a retórica romana da Antiguidade é artifício rebuscado para os falantes de língua inglesa, para os falantes das línguas neolatinas como o português, os floreios discursivos até hoje são recursos usados, por exemplo, por políticos em sua campanhas e por advogados nos tribunais.

Com relação a isso, Veisbergs comenta ainda a maior ou menor “aceitabilidade” (p. 173) de expressões idiomáticas modificadas para fins de efeito retórico (mais especificamente o efeito humorístico) em diferentes línguas, sobretudo quando as estruturas gramaticais (ordem Sujeito-Verbo-Objeto) diferem de uma língua para outra. No caso de traduções do inglês para o português, esse é um problema a menos, por serem duas línguas SVO.

A análise que se segue, dos exemplos em *Júlio César*, tem a seguinte formatação: acompanhando a *citação* das falas onde se inserem os provérbios, apresentamos o → *provérbio* em questão [seguido de provérbio equivalente ou análogo em língua portuguesa, quando este existe], a *tradução* da fala conforme publicada (Porto Alegre: L&PM, 2003) e, finalmente, a → *estratégia tradutória* que foi empregada para solucionar tanto a expressão idiomática proverbial analisada quanto o seu *uso contextual*.

**Ato I, Cena 1: linha 22 – (Cobbler) all that I live by is with the awl**

- Without his awl, the cobbler is nobody [Sem as ferramentas de seu ofício, o trabalhador não é ninguém] (Sapateiro) vivo às custas de minha sovela
- Tradução por *empréstimo*, de expressão proverbial modificada por *dupla significação* e por *substituição* contextualizadas do geral [o sapateiro = todos os sapateiros] pelo particular [eu = um sapateiro que está montando uma charada para ver se seu interlocutor descobre qual o seu ofício]. A estratégia tradutória parece ser adequada, pois o texto faz uso contextual de um provérbio que se refere aos trabalhadores em geral, mas ao mesmo tempo o enunciador está dando “dicas” de qual é o seu ofício, caracterizando-o sem defini-lo.

**I, 1: 26 – (Second Commoner / Cobbler) As proper men as ever trod upon neats-leather**

- As good a man as ever walked on cowhide (Sapateiro) Qualquer homem bem-apanhado que pise em couro de vaca
- Tradução por *empréstimo* (de expressão proverbial modificada por simples *substituição sinonímica*)

**I, 2: 122 – (Cassius) His coward lips did from their colour fly**

- Colour flied from one's face/cheeks [A cor fugiu-lhe do rosto / das faces] (Cássio) seus lábios covardes fugiram-lhe da cor
- Transformação de *expressão proverbial equivalente*, igualmente por *substituição* (de “rosto” por “lábios”) e *inversão* (de sujeito e objeto oracionais)

**I, 2: 192 – (Caesar) Let me have men about me that are fat**

- Fat folks are faithful (César) Faze com que me rodeiam homens que são gordos
- Tradução por *empréstimo* (de expressão proverbial modificada por *alusão*)

**I, 2: 283 – (Casca) but for mine own part, it was Greek to me.**

- Greek to me [Isso pra mim é grego] (Casca) Mas, de minha parte, aquilo era grego para mim.
- Transformação de *expressão proverbial equivalente*, igualmente por *adição* de sintagma adverbial semanticamente redundante mas estilisticamente significativo, pois funciona como um dos marcadores da fala da personagem.

**I, 2: 309-310 – (Cassius) it is meet that noble minds keep ever with their likes**

- Birds of a flock fly together [Cada macaco no seu galho] (Cássio) convém que as mentes nobres mantenham-se sempre com seus pares
- Transformação de *expressão proverbial análoga*, igualmente por *alusão*

**I, 3: 75 – (Cassius) the lion in the Capitol**

- I have seen the lions = I have been to London (the capital) *Obs.:* apenas um autor, Humphreys (edição Oxford), menciona essa expressão, como proverbial na época de Shakespeare, quando havia um zoológico real na Torre de Londres. Ter vis-

to os leões significava ter estado em Londres, ou seja, “conheço a capital, já estive na cidade grande”.

(Cássio) o leão do Capitólio

- Tradução por *empréstimo*, de frase que faz *alusão* a uma expressão proverbial que não encontra expressão correspondente em português, pois a alusão faz referência a uma informação local, particular, da cultura do texto-fonte – não da cultura do tema, trama ou local e época onde se passa a história do texto. Esta é uma característica dos textos shakespearianos: eles têm marcas da época elizabetana. Por exemplo, nesta peça mesmo, *Júlio César*, há incoerências como uma personagem puxando outra pela “manga” (togas romanas não tinham manga) e políticos romanos usando “chapéus”.

I, 3: 104-105 – (Cassius) he would not be a wolf but that he sees the Romans are but sheep

- He that makes himself a sheep shall be eaten by the wolf [Se não fosse pelos otários, não haveria espertalhões]  
(Cássio) não é desejo dele ser lobo, se não estivesse vendo que os romanos não passam de cordeirinhos
- Transformação de *expressão proverbial análoga*, igualmente por *alusão*

II, 2: 32-33 – (Caesar) Cowards die many times before their deaths; the valiant never taste of death but once.

- A coward dies many deaths, a brave man but one.  
(César) Os covardes morrem muitas vezes antes de morrer, e quem é valente vivencia a morte uma única vez.
- Tradução por *empréstimo* (de expressão proverbial alterada por *adição* e por *eliminação do zeugma*)

II, 2: 128 – (Brutus) every like is not the same

- All that is alike is not the same [significa aproximadamente, dentro do contexto, “pode parecer igual, mas não é a mesma coisa”]  
(Brútu) sim, sairemos juntos; mas não estamos juntos
- *Substituição* da expressão proverbial (alterada em sua estrutura superficial por *substituição sinonímica* total) por outra frase em português, que repete o que César acaba de dizer a Brútu – “sairemos juntos” – e expande para uma frase em que Brútu deixa implícito “estaremos juntos (fisicamente), mas não estamos juntos (politicamente)”. Note-se que esse sentido implícito César não como apreender, pois ele não tem ciência de

que Brútu está conspirando contra ele (tanto é surpresa, que depois César enunciará o famoso “Até tu, Brútu?”). César não dá atenção a essa frase de Brútu; Brútu produz o sentido implícito; e, num outro nível de comunicação, quem tem condições de calcular esse significado contextualmente é a audiência ou o leitor da peça teatral. O tradutor, enquanto leitor especializado, tem a obrigação de captar e recriar o sentido contextualmente implícito.

II, 1: 99-100 – (Brutus) That we shall die, we know; it is but the time, and drawing days out, that men stand upon.

- Nothing more certain than death and nothing more uncertain than the time of its coming. [Nada mais certo que a morte.]  
(Brútu) Que vamos morrer, todos sabemos; é apenas seu tempo de vida que o homem tem de valorizar.
- Transformação (por alusão) de uma *expressão proverbial análoga* alterada (originalmente por *alusão*, por *elipse* e por *metáfora ampliada*). No português, o provérbio análogo tem semelhança semântica parcial com o provérbio em língua inglesa. No texto-fonte, há elipse da segunda metade do provérbio ao qual alude a expressão modificada estruturalmente, e a metáfora do tempo (como hora da morte) é ampliada para um tempo (antes da hora da morte) que é de vida.

III, 1: 171 – (Brutus) As fire drives out fire, so pity pity

- One fire drives out another
- Pity destroys pity  
(Brútu) Assim como de um incêndio nasce outro incêndio, também uma compaixão destrói outra compaixão.
- Tradução por *empréstimo* (de expressão proverbial alterada por *metáfora ampliada* pela *inserção* de outro provérbio, este por sua vez alterado por *zeugma*), sendo que na versão em língua portuguesa perde-se a construção zeugmática do original.

III, 1: 206 – (Antonius) Here didst thou fall, and here thy hunters stand, signed in thy spoil, and crimsoned in thy lethe.

- Hounds will sign in their preys' spoil (os cães de caça benzeem-se nos despojos de suas presas – nos pedaços delas que lhes jogam os caçadores como recompensa)  
(Antônio) aqui tombaste; e aqui teus caçadores estão, *abocanhando tuas vísceras*, banhando-se nas águas de tua morte, purificando-se no esquecimento.

- *Substituição e compensação* (da expressão proverbial alterada por *dupla significação*), onde o verbo *abocanhar* denota a animalidade dos conspiradores contra Júlio César, e onde *vísceras* especifica uma interpretação do hiperônimo “pedaços = despojos (das presas)”. A tradução, apesar de não conter nem aludir a qualquer expressão cristalizada da língua portuguesa, mantém a dupla significação do original que na verdade aponta para uma inversão semântica (os conspiradores são explicitamente definidos como caçadores e implicitamente descritos como cães de caça). A compensação para a idéia de “benzer-se” se dá mais adiante, com o termo “purificando-se” inserido no meio da construção que traduz *crimsoned in thy lthe*.

III, 2: 113 – (Third Citizen) I fear there will a worse come in his place.

- The change is seldom made for the better [Mudanças nunca vêm para melhor]  
(Terceiro Cidadão) Meu receio é de que um pior que ele vá substituí-lo.
- Tradução por *empréstimo* (de expressão proverbial alterada por *alusão*), mesmo porque a alusão ao provérbio, no próprio texto-fonte é muito débil. Parece-nos muito rebuscado e forçado supor que a idéia de “um pior” pudesse ser indicativa de “nunca melhor”, mesmo se partíssemos do pressuposto de que “substituir” e “mudança” são idéias afins.

IV, 1: 21 – (Antonius) He shall but bear them as the ass bears gold

- If thou art rich, thou art poor  
For, like an ass whose back with ingots bows,  
Thou bear'st thy heavy riches but a journey,  
And death unloads thee.  
[Desta vida nada se leva.]  
(Antônio) ele pode carregá-las como um burro carrega ouro, vergado...
- Tradução por *empréstimo* (de expressão proverbial alterada por *elipse*), com perda da idéia de que a riqueza é um fardo.

IV, 1: 26 – (Antonius) Then take we down his load and turn him off, like to the empty ass, to shake his ears and graze in commons.

- Go shake your ears [Vai-te às favas]

(Antônio) nós o aliviámos de sua carga e o mandamos embora (como a um burro inútil) – que se vá às favas, e que vá pastar noutra lugar.

- Transformação de *expressão proverbial análoga* (igualmente de *dupla significação*, e com *metáfora sustentada*), pois mantém-se o significado de uma expressão usada para enxotar humanos com uma leitura simultânea de ações indicativas da natural condição de uma besta de carga (abanar as orelhas, comer favas) – uma vez que Antônio está explicando a Otávio como eles devem tratar Lépidus: como a um quadrúpede, para ser usado e descartado (ao que Otávio contrapõe que Lépidus é um soldado corajoso e experiente, sendo que Antônio responde: E meu cavalo também – mantendo e reforçando a metáfora desenvolvida até ali). E Antônio sustenta a metáfora ao concluir que, depois de enxotado, Lépidus deve ir “pastar” – “noutro lugar” foi preservado para manter intacta a expressão da língua portuguesa, mas o texto-fonte usa o advérbio de lugar “in commons” [em pastagens públicas], mais específico que o hiperônimo da tradução.

IV, 2: 9 – (Brutus) [Pindarus] hath given me some worthy cause to wish things done undone

- What is done cannot be undone [O que está feito está feito]  
(Brútu) [Píndaro] deu-me razões para *querer desfeitas coisas feitas*
- Tradução por *empréstimo* (de expressão proverbial modificada por *alusão*). A alusão à expressão proverbial do português poderia ter sido mantida, caso a tradutora tivesse optado pela construção “querer desfeito o que está feito”.

IV, 3: 27 – (Brutus) I had rather be a dog, and bay the moon, than such a Roman.

- To bay the moon [Ladram para a lua / Clamar em vão]  
(Brútu) Eu preferiria ser um cachorro e latir para a lua que ser esse romano.
- Tradução por *empréstimo* (de expressão proverbial modificada por *dupla significação*). A tradução não tem como manter a dupla significação do original – se usasse algo como “chover no molhado”, perderia o vínculo semântico com a idéia de Brútu condicionalmente desejar ser um cachorro. Parece-nos que a estratégia tradutória neste caso é conveniente, pois, como salienta Veisbergs, “traduções por empréstimo podem ser uma escolha adequada, especialmente quando a expres-

são idiomática original tem um caráter lógico e transparente, o que assegura sua compreensão em outras línguas" (p. 165). O leitor pode inferir, entre outras coisas, que latir para a lua é coisa inócua – e tanto faz se quem late é humano ou canino.

IV, 3: 36 – (Cassius) *Have mind upon your health, tempt me no farther.*

(Cássio) *Tenha amor à própria pele, e não me provoque mais!*

→ *Suplementação* retórica do texto (com acréscimo de expressão proverbial), pois a frase feita que se empregou tem o mesmo valor semântico da frase original, a mesma organização estrutural (por coincidência), e a mesma função (pragmática) de advertência; por termos três ocorrências anteriores (duas de alusão, uma de inversão) do emprego de referências proverbiais por Cássio, parece-nos que não destoa nem na sua fala nem na peça como um todo este acréscimo de expressão idiomática por razões estilísticas.

IV, 3: 111-113 – (Brutus) *O Cassius, you are yoked with a lamb, that carries anger as the flint bears fire, who, much enforced, show a hasty spark and straight is cold again.*

→ *as fire in a flint, which will not show without knowcking* [como o fogo da pederneira, que só aparece por atrito]

(Brútu) Ah, Cássio, você está atrelado a um cordeiro que carrega o fardo de uma raiva *como a pederneira é portadora de fogo*: só quando se bate nela é que mostra uma centelha fugaz, para logo em seguida mostrar-se gelada.

→ Tradução por *empréstimo*, de expressão proverbial alterada por *adição* (do verbo “bears” [carrega] a uma frase que no provérbio original é um sintagma nominal).

V, 1: 96 – (Cassius) *Let's reason with the worst that may befall.*

→ *To fear the worst oft cures the worse.* [Poderia ser pior do que está.]

(Cássio) vamos pensar no que pode acontecer de pior

→ Tradução por *empréstimo* (de expressão proverbial alterada por *alusão*), mesmo porque a alusão ao provérbio, no próprio texto-fonte é muito débil.

V, 3: 7 – (Titinius) *O Cassius, Brutus gave the word too early; ... took it too eagerly: his soldiers fell to spoil, ...*

(Titínio) Ah, Cássio, Brútu deu a ordem muito cedo. ... *foi ao pote com muita sede*. Seus soldados caíram vítimas de pilhagem, ...

→ *Suplementação* retórica do texto (por acréscimo de expressão proverbial – “Não se deve ir com muita sede ao pote” – usada contextualmente na tradução com *elipse*).

### Expressões proverbiais não alteradas contextualmente

Nas duas ocorrências encontradas, de expressões dadas pelos diferentes editores da peça como proverbiais, mas que não foram contextualmente alteradas por Shakespeare nem estrutural nem semanticamente, a tradução usa expressões idiomáticas análogas.

IV, 3: 99 – (Cassius) *For Cassius is aweary of the world; hated by one he loves; ... all his faults observed, set in a note-book, ... to cast into my teeth.*

(Cássio) Pois Cássio é homem cansado do mundo: odiado por quem ele ama, ... todos os seus defeitos observados, anotados em caderno, ... *para me serem jogados na cara*, em alta censura.

V, 1: 88 – (Cassius) ... *under which our army lies, ready to give up the ghost*

(Cássio) ... sob o qual assenta-se o nosso exército, pronto para entregar a alma a Deus.

### Conclusões

As expressões proverbiais encontradas em *Júlio César* de Shakespeare, conforme os editores das publicações examinadas, somam 22 ocorrências, das quais 12 ocorrências foram traduzidas por *empréstimo*, sendo que nessa passagem do inglês para a língua portuguesa perderam-se tanto a expressão proverbial quanto sua alteração. Contudo, 2 expressões proverbiais foram acrescentadas à tradução, sem correspondentes formais no texto-fonte, o que caracteriza um esforço compensatório por parte da tradutora no que diz respeito à obra vista como um todo em seu caráter estilístico.

Houve somente 2 ocorrências onde a tradução conseguiu a transformação (mantendo o uso contextual) de expressões proverbiais equivalentes – um valor significativo para um fenômeno que se fundamenta na coincidência de existir em língua portuguesa

contemporânea exatamente o mesmo provérbio do inglês que se empregava à época de Shakespeare. Já a tradução conseguida com expressões proverbiais análogas e manutenção de transformação contextual perfaz um total de 4 ocorrências.

Houve 1 ocorrência de tradução por substituição e 1 tradução por substituição e compensação, sendo interessante notar que a substituição representa, para a tradução, perda da alteração original. Contudo, quando a tradutora usou de uma estratégia compensatória, o uso contextual da expressão proverbial (conforme substituída) ficou preservado dentro do texto (III, 1: 206).

Já mencionadas acima, 2 foram as ocorrências de suplementação de expressão proverbial ao texto traduzido – quando no texto-fonte não há indício de expressão idiomática sendo usada naquela passagem específica. Interessante é observar que em uma dessas ocorrências a expressão suplementar aparece contextualmente transformada por elipse, exatamente um dos recursos empregados originalmente por Shakespeare para inserir expressões proverbiais nas falas de suas personagens.

Das 24 ocorrências encontradas, 2 frases proverbiais em *Júlio César* encontram-se no texto sem qualquer alteração semântica, e foram preservadas na tradução sob a forma de expressões análogas.

Curioso foi deparar no texto de Shakespeare um exemplo de provérbio contextualmente transformado por inserção, sendo que essa inserção consiste em um segundo provérbio, este por sua vez contextualmente transformado por zeugma (III, 1: 171). A tradução dos dois provérbios, infelizmente, dá-se por empréstimo, i.e., perde-se a noção de que há provérbios por trás do que está sendo dito pela personagem dramática.

De um total de 28 alterações empregadas por Shakespeare para dar tratamento retórico a expressões proverbiais dentro do texto de *Júlio César*, 9 foram mantidas (e 1 foi adicionada) na tradução, contra 19 perdas. Uma das perdas poderia ter sido evitada, conforme a análise de um dos exemplos acima (IV, 2: 9). Veisbergs comenta que, em seus achados, há vários casos de tradução de expressão idiomática alterada que mantêm a expressão idiomática mas omite sua transformação contextual, especulando o autor sobre uma provável leitura descuidada do original por parte do tradutor e até mesmo sobre a possibilidade de a tradução ter sido negligente. No exemplo mencionado, a tradução revela a transformação contextual shakespeariana, mas nossa análise verifica que a potencial alusão ao provérbio correspondente (“O que está

feito está feito”) ficou tão tênue que nos parece que o vínculo para tal interpretação cessou de existir.

Vale a pena observar aqui que todas as categorias de uso contextual de expressões idiomáticas, conforme apresentadas por Veisbergs 1997, foram encontradas no texto sob investigação – e uma categoria a mais, a inversão.

Quanto às estratégias tradutórias, não houve ocorrência de 3 dos tipos descritos por Veisbergs: comentário metalingüístico, omissão e extensão. Tendo em mente que *Júlio César* é uma tradução teatral, comentários metalingüísticos, a princípio, não têm lugar num texto que pode ser visto como um roteiro de direção. Por outro lado, extensões são comumente usadas nesse tipo de tradução para fins de esclarecimento ao público de alguma passagem obscura ou potencialmente truncada na língua-alvo – mas é importante, ao mesmo tempo, não estender as falas das personagens em função de que uma peça de teatro tem um tempo limitado para sua encenação. Quanto a omissões, em geral quem deve determinar “cortes” é o diretor<sup>6</sup> da peça, e jamais o tradutor.

O presente estudo mostra, como o próprio Veisbergs adverte em seu artigo “The contextual use of idioms, wordplay, and translation”, que a grade teórica (na verdade, duas grades classificatórias distintas) não se esgota com as categorias por ele levantadas em sua pesquisa. Nosso levantamento apontou para a necessidade de uma categoria a mais (inversão) na grade classificatória de transformações contextuais de expressões idiomáticas, bem como a necessidade de uma categoria a mais (suplementação) na grade classificatória de estratégias tradutórias dessas expressões idiomáticas alteradas.

Com certeza, outros estudos poderão mostrar outras carências do modelo de Veisbergs; entretanto, ele nos parece uma ótima ferramenta teórica, de alta aplicabilidade em Estudos da Tradução. Quanto ao ensino, treinamento e qualificação de tradutores literários iniciantes, parece-nos que o modelo de Veisbergs configura uma bela e esclarecedora abordagem a questões de fraseologia do ponto de vista lingüístico para indivíduos que em geral têm uma formação em Literatura, isso porque a grade teórica que apresentamos e aplicamos neste nosso estudo envolve questões tradutórias problemáticas relacionadas com escolhas lexicais, estruturas

<sup>6</sup> Conforme a cultura-alvo onde se vai inserir a tradução, muitas vezes serão censores investidos de poder pelo governo vigente os responsáveis por efetuar “cortes” no texto.

sintáticas, campos semânticos, funções pragmáticas, escolhas estilísticas, efeitos retóricos.

Importante é ressaltar que, tanto lingüistas da área da pragmática quanto estudiosos da tradução literária, parecem estar concordando em um ponto crucial (que de certo modo explica por que são eficazes as boas traduções): a semântica está a serviço da pragmática. Nas palavras de Veisbergs, o uso contextual de uma expressão idiomática "serve a algum objetivo semântico ou pragmático que, dentro de uma perspectiva funcional da tradução, pode justificar o sacrifício da expressão idiomática original e sua transformação. O uso, no texto-fonte, de linguagem humorística é um exemplo típico do tipo de situação que pode fazer o tradutor 'subordinar a semelhança semântica por outros tipos de semelhança' (Gutt<sup>7</sup> 1991: 130), nesse caso a semelhança do efeito estilístico e/ou pragmático."

Para finalizar, nosso levantamento corrobora a validade da grade teórica de Veisbergs para cotejo entre TF e TA no que se refere ao uso contextual de expressões idiomáticas em textos ficcionais, sendo que corrobora parcialmente os achados do autor. Enquanto Veisbergs encontrou em seu *corpus* soluções tradutórias para o humor de Oscar Wilde e Lewis Carroll principalmente nas estratégias de transformação de expressão idiomática análoga, tradução por empréstimo, extensão ou substituição, nosso estudo não encontrou nenhuma solução por extensão explicativa da expressão alterada. Pensamos que a explicação para tal discordância está na diferença entre os tipos de textos analisados; e não nos referimos aqui aos gêneros "teatro" e "narrativa" (mesmo porque há peças teatrais entre os textos de Oscar Wilde examinados por Veisbergs). Parece-nos que a obrigação de criar humor na tradução tantas vezes quantas há passagens engraçadas no TF faz com que o tradutor tenha de lançar mão de um leque ainda maior de estratégias para dar solução a esse desafio lingüístico/criativo do que o tradutor que lida com um texto sem passagens humorísticas, como é o caso deste *Júlio César* de Shakespeare.

## Referências

- HOUAISS (2001) Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva. versão 1.0.
- SHAKESPEARE, W. (2003) *Júlio César*. Trad. Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM.
- . (2000) *Julius Caesar*. Ed. David Daniell. London: Arden.
- . (1988) *Julius Caesar*. Ed. Marvin Spevack. Cambridge: CUP.
- . (1984) *Julius Caesar*. Ed. Arthur Humphreys. Oxford: Clarendon.
- . (1964) *Julius Caesar*. Ed. T.S.Dorsch. Methuen: Arden.
- VEISBERGS, A. (1997) "The contextual use of idioms, wordplay, and translation", in: DELABASTITA, D. *Transductio: essays on punning and translation*. Manchester: St. Jerome.

<sup>7</sup> GUTT, Ernst-August. (1991) *Translation and Relevance: cognition and context*. Oxford: Blackwell.